

**A VALORIZAÇÃO DO TEXTO LITERÁRIO
NA SALA DE AULA:
UMA ATIVIDADE POSSÍVEL**

Alessandra Mustafa da Silva (UFAC)

Hadhianne Peres de Lima (UFAC)

hadhianne@hotmail.com

Mariete de Souza Amorim (UFAC)

Gisela Maria de Lima Braga Penha (UFAC)

RESUMO

O texto literário, no ensino fundamental, vem sendo pedagogizado nas aulas de língua portuguesa, e assim perdendo sua real função social. Com isso, este artigo, traz algumas reflexões sobre a importância da leitura do texto literário na formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. Ao final, apoiadas na teoria de Barthes, o qual afirma que a literatura faz girar saberes, propomos duas atividades que contemplam o ensino da literatura para o 6º ano do ensino fundamental.

Palavras-chave: Literatura. Ensino. Leitores.

1. Introdução

Em um passado não muito distante, as pessoas consideradas cultas pela sociedade eram as que liam os cânones escrito por, Machado de Assis, Fernando Pessoa, Camões, dentre outros renomados literários. A leitura dessas obras, seja em prosa ou em verso, era sinônimo de instrução, conhecimento. No entanto, esse conceito veio perdendo totalmente seu poder e o que temos na atualidade é cada vez menos textos literários sendo lidos, seja na família, seja na escola ou em qualquer esfera social.

O que temos, hoje, nas escolas, em se tratando de ensino fundamental e vamos discutir nestes escritos ora proposto, somente a literatura nos âmbitos escolares, é o cenário do trabalho com a literatura em nossas salas de aula somente de leitura de alguns textos, que não maioria das vezes nem literários são. E é com o objetivo de discutir sobre como é trabalhada a literatura nos anos finais do ensino fundamental, em especial as turmas do 6º ano, que propomos essa tarefa crítica.

A partir dessa inquietação, nos sentimos motivadas a discorrermos um pouco sobre a importância de se trabalhar textos literários com nossos alunos. Para tanto, utilizamos como suporte teórico Barthes quando

diz que é somente através da literatura que a comunicação não é o mais importante, e sim a forma como foi escrito (dito) o discurso e a suas várias interpretações, é o astuciar das palavras que se faz admirável.

No tópico em que falamos do ensino da literatura, trouxemos o que pensam Compagnon (2009, p. 25), em seu livro *Literatura para Quê?*, que discute a função social da literatura no decorrer dos tempos e nos faz refletir sobre como e por que ensinar literatura em nossas escolas. Guedes, (2006, p. 64), quando diz que: “todo professor tenha o hábito de ler, que seja um agente de letramento”, porém ainda é necessário avançarmos bastante em nossas próprias práticas de leitura para podermos despertar em nossos alunos o desejo pela leitura.

Com base nessas discussões propomos duas atividades a ser desenvolvidas com os alunos do 6º ano do ensino fundamental II, pensadas a partir da compreensão de que através do texto literário, é possível tratar com os alunos sobre temas polêmicos e atuais, fazendo com que eles se identifiquem com o texto e desperte o hábito da leitura.

2. Considerações teóricas

Muitos são os conceitos sobre o que seja “discurso”, será que discurso é próprio do ser humano? Vejamos o que diz alguns autores sobre o tema: Val (2004, p. 03), “texto ou discurso é a ocorrência linguística falada ou escrita, de qualquer extensão, dotada de unidade sócio-comunicativa, semântica e formal”. Observamos que a autora concebe discursos como fatos que podem ser expressos pela fala ou pela escrita dotadas de sentidos.

Para Foucault (2008, p. 09-10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que se luta, e o poder do qual nos queremos apoderar”. Nessa definição temos o discurso como sinônimo de controle, dominação, ou seja, o sujeito procura se apropriar das várias facetas do discurso que por sua vez está em constante transformação, é polifônico. E com essa apropriação do discurso de outrem recai novamente na teoria do *assujeitamento do sujeito* comentada por Foucault (2008).

Nos conceitos mencionados acima, temos duas concepções que se diferem do que seja discurso, no entanto comungam quando, na primeira temos uma abordagem em que a autora menciona uma unidade sócio-comunicativa para caracterizar o discurso, na segunda temos uma refe-

rência que também trata o discurso como sistema de dominação.

Na segunda perspectiva de discurso, temos algo importante, quando Foucault diz que o discurso é sinônimo de poder e que nós queremos nos apropriar desse poder. Podemos observar, então, que se somos detentores, enquanto sujeito, de um bom e incrementado discurso, temos também o poder sob controle. Corroborando com esse conceito temos Barthes, (2013, p. 11-12):

O poder está presente nos mais finos mecanismos do intercâmbio social: não somente no Estado, nas classes, nos grupos, [...] chamo discurso de poder todo discurso que se engendra o erro e, por conseguinte, a culpabilidade da daquele que o recebe.

Com preceito de que discurso é sinônimo de poder, temos presente nas diversas esferas sociais, como por exemplo, na família, no trabalho, na igreja etc. Podemos dizer que esse poder se materializa através da linguagem nas respectivas unidades sócio-comunicativa citada anteriormente. Esse propósito também é considerado por Barthes (2013, p. 12-13):

Poder é o parasita de um organismo trans-social, ligado a história inteira do homem, e não somente a sua história política, histórica. Esse objeto em que se inscreve o poder, desde toda eternidade humana, é: a linguagem – ou, para ser mais preciso, sua expressão obrigatória: a língua.

E, através dessa linguagem, inerente ao ser humano, que nos comunicamos, emitimos conceitos, nos apoderamos dos conceitos dos outros, transformamos nossas opiniões, agregamos saberes. Mas, não nos esqueçamos que, tudo isso que fazemos utilizando a linguagem, chamamos de discurso. Este como já foi dito anteriormente é sinônimo de poder. E para sairmos desse círculo discurso, poder e fala, Barthes diz que é somente através da literatura, nela a comunicação não é o mais importante e sim a forma como foi escrito (dito) o discurso e a suas várias interpretações, é o astuciar das palavras que se faz admirável.

Em Barthes (2013, p. 17), temos: “Essa trapaça salutar, essa esquiava, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*”.

O autor idealiza a literatura como a possibilidade da exteriorização da linguagem sem ter que se preocupar com regras, simplesmente livre, e observando apenas, a maneira de fazer, a forma. Essa abertura para o professor é uma *força de liberdade*, que não depende de domínios soci-

ais, políticos de quem emite o discurso. A força da liberdade presente na literatura, segundo Barthes, é representada por três conceitos: *mathesis*, *mimesis* e *semiosis*.

Acomoda-se nesses três conceitos, primeiro a *mathesis* como conhecimento, diferentes saberes; segundo a *mimesis* como a representação da realidade; e terceiro a *semiosis* como as várias possibilidades de se dispor da linguagem, jogar como o signo.

A primeira força citada por Barthes, a *mathesis*, é o que há nos textos literários de diferentes saberes, a “*literatura faz girar os saberes*”. Para literatura nós temos duas faces, o verdadeiro e o falso, o sim e o não, isso sem estabelecer nenhum deles como algo pronto e acabado. Ainda conforme o mesmo autor, a objeto de desejo da literatura é o real, por isso, a forte e incessante representação da realidade nos textos literários, temos aí a segunda força, a *mimesis*.

E por último, a terceira força da literatura, a *semiosis*, que é tão somente as facetas da linguagem nas suas várias possibilidades que o professor postula como “*jogar com o signo*” e como força semiótica. Barthes, (2013, p. 31), define “a semiologia, que se pode definir canonicamente como a ciências dos signos”, como já foi dito anteriormente é a variedade de formas de que dispõem os autores literários na produção de suas obras.

3. Reflexões sobre o ensino literário

Infelizmente, a literatura vem perdendo espaço em nossa sociedade: na escola, onde os textos didáticos a corroem, ou já a devoraram; na imprensa, ela também atravessa uma crise, em que as páginas literárias estão perdendo força e até mesmo desaparecendo; e ainda nos lares, onde a aceleração digital diminui o tempo dedicado para os livros, isso afirma Compagnon (2009, p. 25), em seu livro *Literatura para Quê?*, que discute a função social da literatura no decorrer dos tempos e nos faz refletir sobre como e por que ensinar literatura em nossas escolas.

Entendemos que através do texto literário, é possível tratar com os alunos sobre temas polêmicos e atuais, fazendo com que eles se identifiquem com o texto. Contudo, existe a necessidade de adequar o texto à faixa etária da turma, sob pena de adquirir sentido negativo e acabar criando um bloqueio no desenvolvimento pelo gosto da leitura.

Cabe a nós, professores, incentivar o hábito pela leitura e apresentar um repertório diversificado para contribuir com o desenvolvimento de leitores competentes. Para Burlamaque (2006, p. 80),

O primeiro passo para formação do hábito da leitura na escola diz respeito à seleção de material, que deverá servir para informação e recreação, não ser imposto como obrigação, uma vez que a passagem pela escola, muitas vezes, é a única oportunidade que o aluno tem de entrar em contato com a leitura.

Mas para isso, a leitura precisa ser valorizada e ganhar espaço privilegiado nas escolas e mais ainda nas aulas de português, e isso só será possível se o sistema educacional, de fato, apoiar tal prática, uma vez que o que temos, na grande maioria das vezes, nas escolas de Rio Branco, são coordenadores e gestores escolares que veem os momentos de visita à biblioteca da escola como desperdício de tempo, uma vez que eles estão mais preocupados com as avaliações externas, pois elas medem o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica das escolas.

Documentos oficiais, como os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, já nos convidam a refletir sobre os equívocos cometidos por nós professores quanto o ensino de literatura no ensino fundamental II. Segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais* de língua portuguesa:

O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.

Na prática, fica claro que pedagogizar o texto literário deturpa o seu real sentido e pior ainda, transforma a leitura que deveria ser prazerosa em um martírio, assim ela passa a ser realizada apenas se houver a exigência por parte do professor e será abandonada logo que o aluno encerre sua vida escolar.

Há ainda outra questão que implica no desenvolvimento do gosto pela leitura nas crianças e adolescentes, que é a falta de professores letrados. Muitas pesquisas apontam para essa realidade em nosso meio profissional. Espera-se que todo professor tenha o hábito de ler, que seja um agente de letramento, porém ainda é necessário avançarmos bastante em nossas próprias práticas de leitura para podermos despertar em nossos alunos o desejo pela leitura. Pois “a aula de português, que trata da língua escrita, só faz sentido se for dada por um leitor para leitores, pois só para

leitores (e para escritores) o estudo da língua escrita não se apresenta como um problema, mas como a solução de um problema”. (GUEDES, 2006, p. 64)

Neste sentido, ao invés de cobrarmos leituras, poderíamos compartilhar nossas experiências como leitores, demonstrando entusiasmo, despertando a curiosidade dos alunos. É o que afirma Burlamaque, (2006, p. 84) quando nos diz que “ao preservar o espaço do encanto e da liberdade inerentes à boa leitura, o professor, sob o manto de aparente gratuidade e desinteresse, transformará o aluno, levando-o à autonomia leitora e ao processo de construção de sentidos”.

Na tentativa de criar esse cenário propício para aquisição do prazer em ler, precisamos admitir que é a televisão que inicia as crianças no mundo das narrativas, uma vez que poucas são as famílias que têm condições culturais e econômicas para investir em livros e diminuir o tempo dedicado a filmes e desenhos animados na televisão. Partindo desse hábito de assistir à televisão, Guedes, (2006, p. 82), acredita que

Podemos transformar telespectadores em leitores, propiciar-lhes a descoberta do prazer específico de relacionar-se individualmente, no seu ritmo pessoal, com a narrativa, mobilizando um setor da imaginação diferente do que está acostumado a mobilizar quando se submete a assistir narrativas no ritmo da TV.

Corroborando com a ideia de Guedes e com base nas discussões das aulas de literatura, elaboramos um planejamento para a leitura de uma poesia a partir de uma canção popular muito conhecida das crianças, por ser tema de novela infantil, pois levava o mesmo tema do texto poético, nos valendo assim, do cotidiano dos alunos como âncora para a inserção da literatura.

Guedes, (2006, p. 83), continua dizendo:

É preciso ficar bem claro que a finalidade da leitura na aula de português é o aprimoramento da capacidade de ler em profundidade para dar suporte à atividade de produção de texto e para possibilitar a discussão em profundidade desse elenco de obras fundamentais da literatura brasileira; as outras atividades de leitura são meios que encaminham esse fim.

Na contramão desse discurso, muitas vezes, quando trabalhamos o poema, que é um gênero do discurso privilegiado nas diretrizes curriculares estaduais, principalmente no 6º ano do ensino fundamental, deixamos de lado a apreciação e a sensibilidade do texto poético para usá-lo como pretexto para exercícios de gramaticais, ortográficos ou ainda nos limitamos ao estudo das características do gênero. Quando na verdade, como

os próprios *Parâmetros Curriculares Nacionais* sugerem que deveríamos enfatizar o jogo com a língua, reconhecendo suas singularidades e propriedades.

4. Proposta de atividade

4.1. Proposta 1

As propostas de aula que elaboramos, foram pensadas a partir da compreensão de que através do texto literário, é possível tratar com os alunos sobre temas polêmicos e atuais, fazendo com que eles se identifiquem com o texto.

Para tanto, propomos utilizar a princípio, como estratégia, alguns questionamentos com o objetivo de ativar o conhecimento prévio dos alunos e fazê-los adentrar nessa linguagem representativa que é o texto literário:

- Quem gosta de dançar?
- Que tipo de dança vocês gostam?
- Alguém sabe o que é dança clássica?
- Alguém já viu um espetáculo de balé?
- Como costuma serem esses espetáculos?
- Alguém já quis ser bailarino(a)? Por quê?
- Como é a aparência física de um bailarino(a)?
- Por que a maioria dos bailarino(as) têm as mesmas características físicas?

Após os questionamentos, coloca-se a música “Ciranda da Bailarina”, de Chico Buarque, para que os alunos a ouçam e cantem. A escolha dessa música foi pensada considerando nosso público alvo, alunos do 6º ano ensino fundamental II, e por ser bastante conhecida por essa faixa etária, já que foi usada como trilha sonora da novela “Carrossel” veiculada pelo SBT. Essa etapa tem como objetivo discutir o estereótipo que cerca a profissão de bailarino(a).

<i>Ciranda da Bailarina</i>	Não livra ninguém Todo mundo tem remela Quando acorda às seis da matina
<i>Chico Buarque</i>	Teve escarlatina Ou tem febre amarela Só a bailarina que não tem Medo de subir, gente Medo de cair, gente Medo de vertigem Quem não tem
Procurando bem Todo mundo tem pereba Marca de bexiga ou vacina E tem piriri, tem lombriga, tem ameiba Só a bailarina que não tem E não tem coceira Verruga nem frieira Nem falta de maneira Ela não tem	Confessando bem Todo mundo faz pecado Logo assim que a missa termina Todo mundo tem um primeiro namorado Só a bailarina que não tem Sujo atrás da orelha Bigode de groselha Calcinha um pouco velha Ela não tem
Futucando bem Todo mundo tem piolho Ou tem cheiro de creolina Todo mundo tem um irmão meio zorlho Só a bailarina que não tem Nem unha encardida Nem dente com comida Nem casca de ferida Ela não tem	O padre também Pode até ficar vermelho Se o vento levanta a batina Reparando bem, todo mundo tem pentelho Só a bailarina que não tem Sala sem mobília Goteira na vasilha Problema na família Quem não tem
	Procurando bem Todo mundo tem...

Após esse momento lúdico sugerimos que o professor vá proporcionando andaimes que levem o aluno a identificar-se com o texto. Para tanto, pode levantar questionamentos problematizadores para que o aluno possa refletir. Algumas sugestões:

- Como a música apresenta a bailarina?
- Você concorda com essa apresentação?
- Será que as bailarinas não têm defeitos?
- Em algum momento da vida de uma bailarina é possível perceber perfeição?

- Por que será que a música apresentou a bailarina como alguém sem defeitos?

Todo esse processo anterior ao texto literário é de fundamental importância, principalmente com os alunos das séries iniciais, pois permitirá que ao entrar em contato com uma linguagem mais elaborada, como é a do texto literário, eles consigam perceber que a obra representa de alguma forma, a realidade do homem, da vida, promovendo uma identificação do mesmo.

O próximo passo é apresentar o poema “A bailarina” de Cecília Meireles, escolhido para trabalhar a leitura do texto literário.

<i>A bailarina</i>	— Não conhece nem lá nem si, mas fecha os olhos e sorri.
<i>Cecília Meireles</i>	— Roda, roda, roda, com os bracinhos no ar e não fica tonta nem sai do lugar.
—	— Põe no cabelo uma estrela e um véu e diz que caiu do céu.
Esta menina tão pequenina quer ser bailarina.	— Esta menina tão pequenina quer ser bailarina.
—	— Mas depois esquece todas as danças, e também quer dormir como as outras crianças.
Não conhece nem dó nem ré mas sabe ficar na ponta do pé.	
—	
Não conhece nem mi nem fá Mas inclina o corpo para cá e para lá.	

Como estratégia para o estudo do texto, continuamos insistindo em levantar questionamentos para que os alunos exponham sua posição a respeito do texto. Nós enquanto professores, não somos detentores do conhecimento. Este é construído num processo de interação do aluno com o texto, portanto, não podemos dar ao aluno uma análise pronta do texto literário, pois este é plurissignificativo podendo ter significados diversos a depender de que maneira o leitor identificou-se com o mesmo. Algumas sugestões que podem ser usadas pelo professor:

- Os dois textos falam do mesmo assunto?
- O que você percebeu diferente nos dois textos?
- Provavelmente quantos anos tem a menina de que fala o texto?

- Se você fosse fazer uma descrição da menina, que características você atribuiria a ela?
- O texto revela um desejo da menina. Que desejo era esse? O que isso pode revelar?
- Você já sabe o que deseja ser quando crescer?
- A menina já sabia o que uma bailarina faz?
- E você, já pensou quais são as atribuições que envolvem a profissão que você sonha em exercer?
- Que ensinamento você adquiriu com o texto?

Todas essas discussões farão com que o aluno compreenda que o texto está falando dele e sobre ele. Essa menina é uma representação de todos aqueles que, mesmo em tenra idade, já sabem o que desejam fazer quando crescerem, que mesmo não tendo saberes seculares, científicos, sabem as coisas mais importantes que envolvem o seu sonho, e o principal: sabem que para tudo existe um momento. Existe o momento de correr atrás daquilo que desejamos e existe o momento em que é preciso ser criança, ou seja, apenas desfrutar o presente, esquecer momentaneamente o que virá e usufruir o que a vida lhe oferece naquele momento.

É importante salientar que, a partir do momento em que o leitor consegue compreender toda a significação que a linguagem literária carrega, ele estará, embora nem sempre consciente, adentrando no estudo do texto literário, e esse estudo tornar-se-á significativo para o aluno, que mesmo sem saber os termos teóricos conseguirá apropriar-se dos três princípios que tornam um texto literário: *mimese*, *mathesis* e *semiosis*. A apropriação da *mimese* ocorrerá no momento em que ele compreender que a menina, de que fala o poema, representa todas as pessoas que desde pequenos já sabem o que querem ser. A *mathesis* ocorrerá com a percepção de que o texto traz conhecimento musical e, por fim, a *semiosis* presente no texto fará com que o aluno compreenda que é preciso lutar pelo que queremos, lutar pelos nossos sonhos, porém sem esquecer que também precisamos viver o momento presente.

Todo esse trabalho foi idealizado acreditando que cabe a nós, professores, incentivar o hábito pela leitura e apresentar um repertório diversificado para contribuir com o desenvolvimento de leitores competentes. Por isso, podemos e devemos partir do que é conhecido para o aluno para chegarmos ao texto literário, visto que, dessa forma, torna-se mais fácil

compreendê-lo em sua essência.

4.2. Proposta 2

Nossa opção em propor aulas com o gênero poema deve-se não ao fato de ser um gênero mais fácil, pelo contrário, os poemas, em sua grande maioria são muito complexos, entretanto, grande parte das crianças gostam de ler e ouvir poemas, pois possuem ritmo, sonoridade, rimas. Dessa forma, é possível trabalhar com textos que as crianças gostam e se identificam. Por isso, a proposta seguinte será de trabalho com o texto literário “Aninha e suas pedras” de Cora Coralina.

Antes de apresentar o texto sugerimos que o professor leve para sala de aula imagens de pedras mostrando suas diversas finalidades. O importante é que os alunos as percebam por si só. As várias imagens devem conter:

- Uma pedra sozinha, para que os alunos possam perceber detalhes como textura, cor.
- Casas, prédios construídos com pedras, para que os alunos vejam que elas também servem como produto de construção, edificação.
- Pedras como símbolo de obstáculo, empecilhos, dificuldades, barreiras, bloqueios que devem ser superados.
- Pedras como símbolo de algo duradouro, que não acabam com o tempo.
- Pedras que foram usadas pelos antigos para eternizar a história através de desenhos e depois com os primeiros escritos.

Após essas discussões, apresentar o poema aos alunos para que primeiramente façam uma leitura silenciosa e em seguida uma leitura em voz alta, como forma de explorar ritmo, sonoridade.

Aninha e suas pedras

Cora Coralina

Não te deixes destruir...
Ajuntando novas pedras
e construindo novos poemas.
Recria tua vida, sempre, sempre.
Remove pedras e planta roseiras e faz doces.
Recomeça.
Faz de tua vida, mesquinha
Um poema.
E viverás no coração dos jovens
e na memória das gerações que hão de vir.
Esta fonte é para todos os sedentos.
Toma a tua parte.
Vem a estas páginas
e não entres seu uso
aos que têm sede.

É importante que após a leitura o professor levante questionamentos para levar o aluno a refletir sobre os sentidos que o transmite. Dentre eles sugerimos:

- O que o uso do diminutivo do nome Ana “*Aninha*” pode sugerir?
- O que o uso do plural no título do texto “*Aninha e suas pedras*” sugere?
- Que tipo de pedra é possível identificar no poema? O que elas representam?
- Como você explicaria os versos: “Remove pedras e planta roseiras e faz doces / Recomeça”?
- De que maneira, segundo o texto, é possível ao homem não ser esquecido? Como isso acontece?
- Quem gosta de escrever poemas? É fácil ou difícil? Por quê?
- Em sua opinião, qual a importância de ler e escrever poemas?
- O que é você compreendeu do texto após todas as discussões? Que conhecimentos foi possível adquirir?

É de fundamental importância que ao final dos trabalhos o aluno compreenda que o texto está falando sobre nós, sobre como durante a

nossa vida temos a opção de mudar, de recomeçar, de transpor os problemas, as dificuldades e de recriar nossa vida fazendo dela um poema, não necessariamente no sentido de escrever um poema, mas no sentido de que cada um de nós podemos fazer o que estiver ao nosso alcance para que a nossa vida seja repleta de emoção, sentimento, beleza, melodia etc.

Sabemos que fazer o aluno chegar a essa identificação com o texto não é tarefa fácil, entretanto, não podemos desistir de trabalhá-lo, pois para termos aluno-leitor, este precisa ter contato com a obra. Só assim, a leitura fará sentido e o leitor será capaz de perceber que o texto literário está falando dele e com ele.

5. Considerações finais

Como se pode observar durante as discussões, reflexões propostas por este artigo, o texto literário, ao ser escolarizado, perdeu sua função social. Não por ser objeto de estudo em sala de aula, mas, pela forma com que os professores tem trabalhado com esse tipo de texto que, na grande maioria das vezes, serve apenas para ser utilizado na aplicação de um questionário de “interpretação”, ou como pretexto para estudos gramaticais. Ao propor uma reflexão sobre a especificidade do texto literário os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998, p. 27) afirmam que devemos priorizar no trabalho com o texto literário questões “que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias”.

Nossa proposta de valorização do texto literário pautou-se em uma tentativa de mostrar aos professores que existe a possibilidade de inverter esse modelo que tem se perpetuado em nossas escolas, e através da seleção de um material diversificado, desenvolver no educando o prazer pela leitura, a reflexão crítica, a possibilidade de ver, enxergar e ler o mundo com um outro olhar.

Esquecendo os modelos de questionários em que os alunos tinham apenas que procurar no texto a resposta para a questão de interpretação e copiá-la tal qual, o professor pode trazer para sua aula discussões, reflexões que levem o aluno a dispensar um olhar crítico sobre o texto, buscando o que está implícito, percebendo que o texto literário, na verdade, é plurissignificativo, não existindo, portanto, uma única possibilidade de interpretação. A esse respeito Zilberman (2003, p. 28) afirma que “ao

professor cabe o desencadear das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais [...] em razão de sua percepção singular do universo representado”.

A partir do momento em que o texto for trabalhado nessa perspectiva, a leitura, estudo do texto literário deixará de ser algo monótono, sem graça, chato, vazio e passará a fazer sentido para o aluno, pois ele compreenderá que o texto literário utiliza um jogo com a linguagem carregada de significação, mas que está falando dele e sobre ele. O texto literário será visto como algo dinâmico, vivo, capaz de promover no homem mudanças significativas.

Não podemos deixar de citar que para que todas essas mudanças ocorram é de fundamental importância que o professor compreenda a importância de suas ações, de suas práticas, do modo como ele conduz o trabalho com o texto literário, pois ele pode ser o responsável pela continuação de velhas práticas ou um canal que promoverá mudanças, sendo ele mesmo um leitor, selecionando material de qualidade e promovendo reflexões críticas sobre o texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACRE. Secretaria de Estado de Educação. *Orientações curriculares para o ensino fundamental: caderno 1 – língua portuguesa*. Rio Branco, 2010.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BUARQUE, Chico. *Ciranda da bailarina*. Disponível em: <<http://letras.cifras.com.br/chico-buarque/ciranda-da-bailarina>>. Acesso em: 12-05-2014.

COMPAGNON, Antoine. *Literatura para quê?* Trad.: Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

CORALINA, Cora. *Aninha e suas pedras*. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2013/05/31/aninha-suas-pedras-cora-coralina-498492.asp>>. Acesso em: 12-05-2014.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2008.

GUEDES, Paulo Coimbra. *A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?* São Paulo: Parábola, 2006.

MEIRELES, Cecília. A bailarina. Disponível em:
<<http://peregrinacultural.wordpress.com/2009/05/17/a-bailarina-poema-infantil-de-cecilia-meireles>>. Acesso em: 12-05-2014.

TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2006.

VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev. atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003.